



CIÊNCIAS HUMANAS

As Razões da Conquista de Tenochtitlán (1519-1521) Contidas na Narrativa de Hernan Cortez***The Reasons for The Conquista de Tenochtitlán (1519-1521) Contained in the Narrative of Hernan Cortez***

Alexandra Ferreira Martins Ribeiro¹; Juliane Cristine Dias de Barros Jankowsk¹; Vanessa Iansen Rodrigues¹; Adriana Mocalim de Souza Lima¹

RESUMO

Este artigo faz um estudo da trajetória de Hernan Cortez, de 1519 até a conquista de Tenochtitlán, em 1521, e procura responder: de acordo com as representações contidas cartas de Cortez, quais razões levaram a civilização asteca a ser conquistada pelo contingente militar liderado pelo espanhol? O artigo buscou analisar algumas razões representadas nas cartas enviadas por Cortez que levaram à conquista de Tenochtitlán e relacioná-las com a historiografia acerca do tema. A metodologia utilizada foi análise das fontes buscando as representações das razões que foram narradas por Cortez, confrontando-as com os estudos de Levy (2010) e León-Portilha (2012), dentre outros. Os resultados demonstraram que superioridade bélica, comunicação, influência da religião, ambição, epidemias e o comando de Cortez foram algumas das possíveis razões da conquista.

Palavras-chave: *Conquista, Hernan Cortez, Asteca.*

ABSTRACT

This article examines Hernan Cortez's trajectory from 1519 to the conquest of Tenochtitlán in 1521, and seeks to answer: according to the representations contained in Cortez's letters, what reasons led the Aztec civilization to be conquered by the military contingent led by Spanish? The article tried to analyze some reasons represented in the letters sent by Cortez that led to the conquest of Tenochtitlán and to relate them with the historiography on the subject. The methodology used was an analysis of the sources seeking the representations of the reasons that were narrated by Cortez, confronting them with the studies of Levy (2010) and León-Portilha (2012), among others. The results showed that warlike superiority, communication, influence of religion, ambition, epidemics and the command of Cortez were some of the possible reasons for the conquest.

Keywords: *Conquest, Hernan Cortez, Aztec.*

¹ PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba/PR – Brasil.

1. INTRODUÇÃO

As expedições espanholas, desde o final do século XV, estabeleceram-se em uma série de ilhas do Caribe e tomaram conhecimento da rica cultura asteca no México. A partir disso, iniciou-se o desejo de conquista dessa civilização com a campanha liderada por Hernan Cortez.

O espanhol Hernan Cortez era filho de um fidalgo pouco distinto e com pouca educação. Cortez teve uma infância enferma. Aos 14 anos, na Universidade de Salamanca, “[...] estudou governança, leis e latim, porém não concluiu seus estudos e retornou para casa. Em 1504, Cortez, com 19 anos de idade, consegue embarcar para o Novo Mundo” (LEVY, 2012, p. 12-13).

O recorte temporal que foi escolhido para delimitação desse estudo dá-se com a trajetória de Hernan Cortez desde fevereiro de 1519, quando o conquistador deixa Cuba com o objetivo de chegar ao centro asteca, até 1521, com a conquista de Tenochtitlán. Nessa empreitada, Hernan Cortez vislumbrava também a possibilidade de converter fiéis à fé católica e angariar novos súditos ao rei Carlos V (Carlos I, da Espanha). Morais (2011) explica a importância política do monarca:

Rei Carlos I da Espanha, além de monarca da Borgonha, Carlos também tomou posse dos reinos de Nápoles, da Sicília e ainda das enormes colônias espanholas na América. Em 1516, Carlos passou a governar territórios dominados pelos Habsburgos. Em junho de 1519, após muita disputa e discussão envolvendo a Igreja Católica e outros pretendentes, Carlos foi sagrado imperador do Sacro Império Romano Germânico, pelo papa Leão X, com o título de Carlos V (MORAIS, 2011, p. 41).

No que tange ao império da Mesoamérica, explica Léon-Portilha (2012) que apesar de inicialmente a sociedade mexicana ter sido titulada com termos semelhantes a reino, ou ainda confederação de tribos indígenas, “[...] o grupo dominante eram os *pipiltin*, possuíam vários níveis de hierarquia, posições e títulos e controlavam efetivamente não só Tenochtitlán como também uma vasta parte da Mesoamérica” (LÉON-PORTILHA, 2012, p. 41-43).

Tenochtitlán, o centro do poder, era repleta de templos, palácios e riquezas e com uma população de cerca de 25 milhões e fora conquistada pela Espanha em 13 de agosto de 1521, com a captura do novo governante, Cuauhtémoc, e a total dissolução do Império Asteca, entrando para a História também como símbolo de choque de culturas e valores de sociedades.

Surge, assim, a seguinte questão: Quais razões levaram a numerosa civilização asteca a ser conquistada, em tão pouco tempo, pelo pequeno contingente militar liderado por Cortez? No intuito de responder a tal questionamento, o estudo tem como objetivo apresentar e analisar algumas razões que levaram à conquista de Tenochtitlán que são narradas nas cartas de Cortez. A metodologia aplicada foi a leitura das cartas escritas por Hernan Cortez, enviadas ao rei Carlos V, da Espanha, que narram detalhes de suas ações. As informações foram confrontadas com outras bibliografias de autores pesquisados, como Soustelle (1972), Báez (2010), Levy (2010), Morais (2011) e Léon-Portilha (2012), cujas obras descrevem a conquista por meio de várias perspectivas.

2. RAZÕES QUE LEVARAM À CONQUISTA DE TENOCHTITLÁN

Tenochtitlán ficava nos lagos que cobriam uma grande parte do Vale do México, “[...] havia se transformado numa grande capital imperial e cosmopolita”, possuía alto grau de organização social e política, grandes construções, comércio intenso e templos religiosos (SOUSTELLE, 1972, p. 34).

Antes da análise aprofundada das fontes, tinha-se a impressão de que a principal razão da conquista espanhola era a superioridade bélica, pelo fato de possuírem maior contingente e tecnologia mais avançada nos artefatos de guerra em relação aos astecas. Ao analisar as fontes, comprova-se que realmente foi um ponto importante, porém não o único ou decisivo. Partindo da análise de Levy (2012), Souza (2009) e Morais (2011), em apenas dois anos, com o emprego de montarias e técnicas de cavalaria desenvolvidas na Península Ibérica ao longo de milhares de anos, com armas navais e notável engenharia militar, Cortez derrotou os astecas e o governante do maior império da história da Mesoamérica, em Tenochtitlán.

De acordo com Léon-Portilha (2012) e Soustelle (1972), os invasores tinham a vantagem de possuir melhores armas: espadas de aço contra lanças de obsidiana, armaduras de metal contra túnicas forradas de algodão, arcabuzes contra arco e flecha. Sobre uma batalha, Cortez relata: “Com seis escopetas, quarenta balistas e uma meia dezena de outros tiros, além de treze cavalos, consegui fazer muitos danos neles sem sofrer nada além do cansaço da luta e fome” (CORTEZ, 2011, p. 41). Entretanto, de acordo com Romano (1995) as armas de fogo não devem ser consideradas como um grande diferencial uma vez que, nos trópicos essas armas enferrujavam e as pólvoras molhavam diminuindo as vantagens do uso dessas ferramentas.

Mas, os povos não faziam guerra da mesma forma, o que proporcionava vantagens aos espanhóis. Enquanto os astecas guerreavam sob o comando dos deuses, com dia marcado e em local específico, os espanhóis faziam emboscadas e ataques surpresa, de acordo com Soustelle (1972) e Morais (2011). Entretanto, Levy (2012) argumenta que as “armas secretas” de Cortez apresentaram problemas: a cavalaria que fora usada para colocar medo nos habitantes locais funcionou apenas no princípio, pois logo os mexicas perceberam que os espanhóis e aquelas criaturas não eram deuses e sim mortais; os bergantins, frota naval que Cortez acreditava que seria a chave da guerra, apenas fez valer a expressão em um primeiro ataque, pois os astecas descobriram um modo de neutralizá-la.

Léon-Portilha (2012), Souza (2009) e Morais (2011) confirmam que a supremacia técnica parece ter tido limitada relevância como razão da conquista, tendo, acima de tudo, um impacto psicológico apenas no início: os espanhóis tinham poucas armas de fogo na época da conquista e estas eram de disparos lentos; a pólvora molhava com facilidade; os canhões eram de difícil locomoção por serem pesados; e os cavalos, sua eficácia dava-se apenas em campos abertos.

Mas Cortez não queria destruir a população nativa recém-descoberta e sim transformá-la em vassalos do rei da Espanha, convertidos à fé católica. Para isso, surge uma primeira dificuldade. Como tornar alguém vassalo e convertê-lo a outra religião se cada um fala uma língua distinta? Ao comparar os autores, encontra-se a chave para essa pergunta e outra razão crucial para a conquista: a comunicação. A intérprete nativa Malinche logo aprendeu a falar espanhol e foi essencial para todas as negociações feitas com o povo que vivia na Nova Espanha. Entretanto, Cortez faz apenas uma breve alusão à importância dessa jovem em suas cartas ao rei Carlos V. “Uma índia que trazia comigo

como intérprete soube por uma outra nativa que eles haviam retirado todas as mulheres e crianças da cidade e que pretendiam matar todos nós” (CORTEZ, 2011, p. 47). Morais (2011) reitera que Malinche era uma arma poderosa, pois além de intérprete das palavras, ela ensinava ao capitão espanhol comportamentos e valores indígenas.

De acordo com Morais (2011), Levy (2012) e Soustelle (1972), o conquistador usava os intérpretes não apenas para comunicar-se com os mexicas, mas, também, para obter conhecimento sobre suas crenças e tradições. Cortez logo percebeu que isso era uma vantagem, pois ficava sabendo dos presságios e das revelações dos sacerdotes e usou isso a seu favor como tática de conquista.

Constantemente, Cortez relata o mesmo discurso que tentava diversas vezes argumentar com os inimigos (por meio de Malinche) e só quando não lhe restava alternativa é que agia de outra forma, o que fica evidenciado nesses dois trechos que seguem. Na primeira carta enviada o escrivão, relata que “Cortez disse que não iria fazer-lhes mal algum, mas queria apenas atraí-los para nossa fé católica e para que fossem vassallos de vossas majestades [...]” (CORTEZ, 2011, p. 20). Na segunda carta, Cortez afirma: “[...] dava-me muita pena ter que matar toda aquela gente, mas não havia outra alternativa” (CORTEZ, 2011, p. 139).

Ainda em relação a converter os nativos à fé católica, emerge outra dificuldade para além da dificuldade com a comunicação, isto é, a religião dos indígenas e dos espanhóis entrava em altíssima discordância: o catolicismo monoteísta dos espanhóis opondo-se ao misticismo politeísta dos astecas. Os nativos praticavam sacrifícios humanos em grande escala. Segundo Levy (2012), Cortez não entendeu a importância antiga e profundamente arraigada do ritual do sacrifício na religião asteca e a idolatria a diversos deuses.

Para os mexicas, o representante da divindade na terra era Montezuma II, o rei que do vasto império que se estabelecia em Tenochtitlán, “[...] o comandante chefe do exército e um dignitário religioso, bem como juiz supremo e o senhor cuja vontade ninguém ousava contradizer. Montezuma II fazia parte do grupo dos *pipiltin*, a antiga nobreza a quem os plebeus prometeram obediência” (LÉON-PORTILHA, 2012, p. 41-44). Para Montezuma II e sua gente, os corações e o sangue das vítimas não eram só desejados, mas altamente necessários. De acordo com Léon-Portilha (2012), os astecas acreditavam ser o povo escolhido do deus sol, Huitzilopochtli, então reencenavam o sacrifício original para que seu deus não morresse sem sangue novo.

Por vezes, essas particularidades da crença indígena serviram para justificar atrocidades cometidas pelos espanhóis contra os nativos. Cortez relata, em sua carta ao rei, “[...] tentamos conversar com eles com o testemunho do escrivão, mas como não paravam de nos atacar, tratamos de nos defender como podíamos” (CORTEZ, 2011, p. 41). Cortez enfatizava que em primeiro lugar tentava de forma amistosa convertê-los, fazia sua usual exposição da sagrada fé e seus mandamentos para que abandonassem o sacrifício humano e deixassem de adorar seus ídolos infames, “[...] se abandonassem suas crenças e seguissem a crença em um só Deus, tornar-se-iam vassallos da Espanha e receberiam também outros benefícios como, a vida eterna” (LEVY, 2012, p. 58). Levy (2012) complementa que enquanto os espanhóis destruíam as imagens dos deuses, alguns indígenas que tentavam resistir eram ameaçados de morte, enquanto outros ficavam aguardando, apavorados, o apocalipse.

Para Cortez, “[...] a guerra de conquista foi uma guerra religiosa em que Deus venceu o demônio adorado pelos indígenas” (MORAIS, 2011, p. 126). Cortez “[...] declarava que eles eram uma ‘companhia santa’ de homens a ponto de empreender sua própria cruzada” (LEVY, 2012, p. 66). Para consolidar o projeto de conquista, saque e destruição dos bens pré-hispânicos, tornou-se necessário que a Espanha justificasse suas ações perante o mundo como sendo parte de um programa de expansão da religião cristã, criando, assim, um cenário de guerra religiosa, delata Báez (2010).

De acordo com Le Goff (2010), o conceito oficial da Igreja, difundido por toda a Cristandade, era de que guerra justa era aquela voltada a uma reta intenção, sob a direção de uma autoridade legítima. Ele afirma também que durante as Cruzadas, alguns levavam com seu engajamento a intenção de conversão de fiéis.

Ao comparar as fontes analisadas, esta não era a única finalidade de Cortez, porém, ele usou sua retórica motivacional diversas vezes para que seu contingente incorporasse a ideia de que faziam uma guerra justa em nome da Igreja. Levy (2012) reitera que o conquistador, ao reunir as tropas, em meio à agitação dos cavalos e cães, levantava a voz e dirigia-se a eles como se estivesse em uma campanha legitimada pela Igreja. Moraes (2011) aponta que Hernan deixava claro ao seu contingente que tinham Deus ao seu lado em todas as lutas, por serem bons cristãos.

Cortez relatou ao rei sobre o assunto: “Eu lhes disse que, como cristãos, éramos obrigados a lutar contra os inimigos de nossa fé, além disto, havíamos conseguido no outro mundo a glória maior” (CORTEZ, 2011, p. 43). Isso deixa evidente que a religião também foi apontada como mais uma das razões da conquista espanhola, nesse caso, usada como forma de impulsionar o contingente.

Léon-Portilha (2012) afirma que os espanhóis tiveram vantagem em muitas situações devido ao conjunto de suas atitudes: uma fé instintiva na superioridade natural dos cristãos sobre simples “bárbaros”; um senso de natureza providencial de seu empreendimento, que tornava todo o sucesso mais uma prova da bênção divina; um sentimento de que a glória final recompensaria todos os sacrifícios ao longo da trajetória. Complementando, Souza (2009) afirma que a ortodoxia Católica consistia em uma fé dogmática, que fazia dos espanhóis homens tementes a Deus, dispostos a matar em nome da Santa Igreja.

A fé dogmática era enunciada como justificativa na conquista e deu-se com a tese de que era necessário salvar as almas de todos os que praticavam rituais de sacrifício humano para seus deuses. Porém Levy (2012) chama de hipocrisia a reação de Cortez em relação aos sacrifícios humanos, pois o conquistador havia autorizado o massacre de seis mil civis, em Cholula. Ele ainda complementa, “[...] sua reação simplesmente reforça a verdade histórica de que a paixão de um povo é a perversidade de outro” (LEVY, 2012, p. 115).

White (2013) acrescenta que uma religião diferente é geralmente aceita como uma razão perfeitamente boa para se matar alguém. Rossi (2010) adiciona que talvez haja uma tendência humana a não perceber o outro como também um ser humano e não admitir a existência no mesmo quadrante de pessoas que vivenciam realidades sociais, religiosas, culturais, sexuais, étnicas e econômicas diferenciadas, desejando que os diferentes tornem-se “iguais” a eles mesmos ou ao grupo que representam, mesmo sendo, para isso, necessário utilizar a força. Reitera White (2013), ainda sobre o mesmo tema, que a religião é tão central para uma pessoa, no mundo todo, que a maioria das grandes decisões tem algum tipo de motivação religiosa.

A religião apontada como razão da conquista influenciou não apenas os espanhóis, mas também a civilização altamente desenvolvida dos mexicas. Em consulta às fontes, constata-se que Montezuma agia de acordo com sua religião supersticiosa, o que o levou a crer que Cortez poderia ser o deus Quetzalcoatl, que retornava para resgatar o lugar de direito na confederação. Levy (2012) delata que Montezuma revelava-se perante Cortez como um homem digno e aristocrático, porém repleto de medos, inseguranças e uma enorme crença no destino. Explica Morais (2011) que Montezuma e sua gente acreditavam na antiga crença que previa o retorno de Quetzalcoatl, um poderoso deus asteca, que retornaria para retomar seu poder, mas Cortez relata de forma diferente ao dizer que os astecas viam o rei da Espanha como o deus Quetzalcoatl, transcrevendo um possível discurso de Montezuma:

Muitos dias há que, pelas escrituras que temos de nossos antepassados, tomamos conhecimento que nem eu nem todos que nesta terra habitamos somos naturais dela, senão que somos estrangeiros, vindos a ela de partes muito estranhas. E soubemos que nossa geração foi trazida a esta parte por um senhor, de quem todos eram vassallos, o qual voltou a sua terra [...]. E sempre soubemos que dele descendessem haveriam de vir subjugar a esta terra e nós, como seus vassallos. E de acordo com a parte que vós dizeis que vens que é a de onde nasce o sol, e segundo as coisas que dizeis deste grande senhor e rei que aqui vos enviou, cremos e temos por certo ser ele o nosso senhor natural [...]. (CORTEZ, 2011, p. 53-54).

Por diversas vezes, Montezuma tomava decisões baseadas nos conselhos dos sacerdotes. Levy (2012) reitera que ele convocava seus altos sacerdotes e oráculos para obter orientação sobre como lidar com os espanhóis, para saber a verdadeira natureza dos invasores, o propósito da missão de Hernan e a possibilidade de alterar a profecia. Essa ideia não corresponde à explicação de Léon-Portilha (2012) e os motivos pelos quais Montezuma permitiu a entrada de Cortez permanecem um mistério. Também é objeto de dúvida a afirmação de cronistas espanhóis de que Cortez era o lendário chefe tolteca, Quetzacoatl, que vinha do leste para reassumir seu lugar. Porém é mais provável que Montezuma estivesse seguindo um protocolo mexica dado a embaixadores, que tradicionalmente desfrutavam de imunidade e também pode ter acreditado que poderia mais facilmente destruí-lo, caso fosse necessário, atraindo Cortez para Tenochtitlán. Morais (2011) apresenta os relatos das crenças e posteriormente questiona-os quanto à veracidade deles, uma vez que os espanhóis os escreveram após saber das crenças dos astecas.

Apesar da veracidade ou não dos relatos, nota-se que Montezuma temia a chegada de Cortez a Tenochtitlán e para evitar que o conquistador continuasse com o empreendimento de chegar ao centro mexica, o imperador dos astecas mandou diversas comitivas repletas de presentes, como ouro e outras riquezas da região, com a mensagem de que os espanhóis não deveriam ir até a cidade. "Os presentes não fizeram os conquistadores recuarem pelo contrário aumentaram seu ímpeto. A marcha pelo interior continuaria" (MORAIS, 2011, p. 63). Levy (2012) ilustra que Montezuma posteriormente permitiu a entrada de Cortez na sua extraordinária cidade, na esperança de que os espanhóis sentissem-se intimidados com a imensa riqueza e poder, sucumbissem aos astecas e fossem embora, no entanto, em vez disso, aquela riqueza fortaleceu a ambição e a determinação de Cortez. Segundo White (2013), na conquista de Tenochtitlán, o desejo de explorar os nativos tornou-se muito mais importante do que o desejo de os converter. Dessa forma, pode-se apontar a ambição pelo ouro como outra razão essencial na conquista, que impulsionou os espanhóis e fez com que superassem todos os obstáculos.

Porém o apetite por ouro de Hernan Cortez não era apenas para si, já que ele era fiel ao monarca espanhol. Levy (2012) aponta que após obter por escrito a rendição da nação asteca, começou a reclamar tributos e explicou a Montezuma que o rei da Espanha queria todo o ouro que fosse possível. O autor complementa que quando os capitães e soldados finalmente receberiam o seu quinhão, Cortez fez com que soubessem que o rei receberia o quinto real, o que ocasionou certo desconforto no contingente.

Fica claro, nas fontes, que o ouro impulsionou a conquista. O conquistador usou o ouro e as riquezas astecas para apaziguar as tropas descontentes, subornar soldados e enviar para os cofres do rei da Espanha. Conforme o contingente espanhol avançava no território do Novo Mundo, saqueando bens e submetendo populações, deixava claro quais eram seus interesses. Levy (2012) julga que Cortez dissimulava o apetite de riquezas ao falar a sua tropa que eles estavam em uma razão “justa”, recorrendo conjuntamente à honra, à fé e à cobiça. O autor demonstra isso com esse trecho do discurso de Cortez: “[...] a principal razão para virmos a estas partes é glorificar e pregar a fé de Jesus Cristo, ainda que ao mesmo tempo isso nos traga honra e lucros, os quais não costumam vir no mesmo pacote” (LEVY, 2012, p. 207). Adiciona, ainda, que durante uma importante festa dos astecas em Tenochtitlán, “[...] os espanhóis mataram até não encontrar mais ninguém para assassinar; então eles se ajoelharam no sangue empoçado e saquearam os enfeites de ouro e de pedras preciosas dos astecas feridos e moribundos” (LEVY, 2012, p. 157).

O frade franciscano e historiador Sahagúm, citado em Báez (2010), delata que os espanhóis “[...] anseiam pelo ouro como porcos famintos”. Morais (2011) escreve que após a morte de Montezuma, quem assumiu foi Cauauhtémoc, o qual disse que preferia que todos morressem na cidade lutando a ficar sob o poder de quem os faria escravos e os atormentaria por ouro.

Então, a ótica do ouro, para os espanhóis, tornou aceitável todas as agruras e levou-os à conquista de Tenochtitlán. Dizia Cortez “[...] eu e meus companheiros sofremos de uma doença do coração que somente pode ser curada com ouro” (LÉON-PORTILHA, 2012, p. 167). Essa não foi a única maleita desconhecida pelos astecas, já que os conquistadores trouxeram para o continente americano a varíola, a qual os nativos eram vulneráveis e foram sucumbidos por não saber como tratá-la. Após consulta às fontes, fica evidente que a epidemia de varíola devastou grande parte da população nativa da Mesoamérica, o que a titula como mais uma das razões da conquista. De acordo com Soustelle (1972), a pestilência contribuiu poderosamente para a vitória dos espanhóis. Dessa forma, esta acabou por ser a razão mais poderosa da conquista espanhola, superando as questões bélicas e religiosas dos espanhóis.

Em relação a essa razão que parecia mais um favor divino, atesta-se que não teve nenhuma participação premeditada de Cortez, que gostava de vangloriar-se de seus feitos e não deixaria passar alheia tática tão poderosa. Levy (2012) adiciona que Cortez só percebeu bem mais tarde quão elementar ela foi para a sua vitória, tornando a doença a maior e mais destruidora ironia na conquista espanhola. Inclusive, Cortez relata apenas na terceira carta enviada ao rei que a doença havia matado Magiscan, um índio amigo do espanhol, o que deixa claro que ele não tinha ideia da dimensão dos benefícios obtidos com a doença. Em contraponto, apenas um dos autores analisados afirma que foi um crime premeditado pelos espanhóis. Báez (2010) diz que “[...] as responsabilidades pelas epidemias se inserem dentro dos crimes voluntários e não acidentais, pois os conquistadores usaram os doentes trazidos para dizimar os indígenas e desmoralizá-los” (BÁEZ, 2010, p. 36).

Para os autores Levy (2010), Souza (2010) e Léon-Portilha (2012), a disseminação da doença não foi premeditada, porém apontam que a chegada dos espanhóis, a qual foi altamente planejada, ocasionou o encontro de duas civilizações, dois mundos independentes, sem antecedentes de trocas, que proporcionou a chegada de novas doenças, as quais os nativos não tinham defesa devido ao isolamento de milhares de anos. Léon-Portilha (2012) atesta:

A conquista da América foi uma conquista feita tanto por micróbios quanto por homens, às vezes marchando à frente dos principais contingentes espanhóis outras vezes seguindo em sua esteira. Sobretudo nas regiões densamente povoadas, como o México central, o papel desempenhado pelas epidemias no solapamento tanto da capacidade quanto da vontade de resistir constitui uma boa explicação para o caráter súbito e completo sucesso espanhol (ELLIOT, 2012, p. 170).

Para Levy (2012), esse inimigo invisível e mortal, desconhecido até então no Novo Mundo, levou a óbito cerca de um terço da população indígena. Eles tratavam a doença com seu vasto conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas e dos animais, com banhos coletivos e de vapor, entretanto, nada remediava o ataque da varíola, que se proliferava ainda mais e matava os afetados depois de meses de terríveis sofrimentos. A civilização indígena considerava as doenças epidérmicas um castigo do deus Tezcatlipoca, senhor do fogo e da morte. A imunidade dos espanhóis aos efeitos da pestilência, devido à exposição anterior ao vírus, fez com que parecessem ainda mais poderosos, reavivando a noção de que não eram homens e sim deuses e se não eram deuses, tinham um deus mais poderoso.

Logo, a epidemia abateu a poderosa metrópole de Tenochtitlán e prejudicou também o cultivo de alimentos, uma vez que “[...] muitos morreram por razão da doença e muitos outros morreram por razão da fome” (LEVY, 2012, p. 199). Léon-Portilha (2012) relata que a rendição em 13 de agosto de 1521, de Tenochtitlán, foi triunfo tanto das doenças quanto das armas espanholas. Os astecas haviam sido enfraquecidos pela epidemia de varíola, que surgiu durante o cerco e as ruínas da cidade.

Mas “[...] uma grande civilização não é conquistada pelos inimigos de fora antes de estar destruída por dentro” (DURANT, 1971, p. 520). Analisando por esse viés, antes mesmo da chegada dos espanhóis, a civilização indígena estava sendo corroída por uma outra “epidemia”: a desigualdade social, disputas de poder, rivalidade de tribos vizinhas e o massacre de seres humanos, que não foram contemporaneidades trazidas pelos espanhóis. “A Mesoamérica já era violenta e injusta muito antes da chegada espanhola em 1519” (MORAIS, 2011, p. 129).

Essas particularidades do mundo indígena ajudaram a vitória espanhola. Os astecas surgiram como uma pequena tribo, cercada por vizinhos hostis, mas mediante conquistas sucessivas, construíram seu “império”, que se estendia de mar a mar, no México central. Para agradecer aos deuses sua boa fortuna e para cooptá-los a continuar nas suas boas graças, os astecas ofereciam o sangue dos prisioneiros capturados em batalhas e também dos tributos humanos que os povos subjugados eram obrigados a pagar, além dos grandes tributos materiais, apontam White (2013), Morais (2011) e Léon-Portilha (2012).

Os Totonacas, os Tlaxcalanos e muitos outros odiavam profundamente os mexicas e Cortez percebeu que poderia aproveitar-se das divisões do império asteca e formar alianças com nativos descontentes com o poder central de Tenochtitlán.

Esses descontentamentos permitiram que Cortez manipulasse povos subjugados contra seu terrível senhor, atestam Léon-Portilha (2012), Morais (2011) e Levy (2012). Na ótica dos nativos subjugados pelos astecas, a aliança com os espanhóis poderia ser vantajosa para derrotar seus inimigos tradicionais, dessa maneira havia uma lógica política governando as decisões dos indígenas, não apenas manipulação de Cortez.

Cortez aliava-se com a promessa de libertá-los dos dominadores e justificava sua postura citando um trecho do evangelho de São Lucas (LC 11,17): “[...] todo o reino dividido contra si mesmo será devastado” (Morais, 2011, p. 82). Por sua vez, “[...] os inimigos de Tenochtitlán acreditavam que os espanhóis os estivessem apoiando” (LÉON-PORTILHA, 2012, p. 61). Em determinados trechos analisados, na carta de Cortez ao rei, fica claro que algumas alianças com as tribos indígenas foram feitas somente após conflito armado, talvez depois de estarem convencidos de que seria inútil resistir às armas espanholas. Outras alianças eram feitas após os próprios chefes irem à procura do conquistador, que o presenteavam e ainda prometiam vassalagem a Cortez devido ao profundo rancor aos mexicas. Quanto a esses acontecimentos, Cortez escreve em sua carta ao rei: “[...] disseram que queriam ser vassalos de vossa majestade e meus amigos, e que rogavam que os defendesse daquele grande senhor que os mantinha pela força e tirania e que tomava seus filhos para matar e sacrificar a seus ídolos” (CORTEZ, 2011, p. 34).

Tais alianças com indígenas são analisadas como uma das principais razões da conquista espanhola, pois a guerra contra os astecas foi feita não apenas por espanhóis, mas também por tribos locais, aliadas ansiosas por vingar-se do grupo dominante, que proporcionaram inúmeras vantagens aos espanhóis. Segundo Levy (2012), os espanhóis agregaram um grande número de aliados a seu contingente que, antes das alianças, era formado apenas por algumas centenas de espanhóis, totalizando, nos instantes finais, por volta de 200 mil guerreiros. Léon-Portilha (2012) complementa que a aliança com Tlaxcala deu-lhes condições de seguir por uma rota amigável até o centro asteca. As alianças com diversas pequenas províncias da confederação mexica permitia aos conquistadores fixarem-se em bases militares cada vez mais próximas de Tenochtitlán, ao mesmo tempo em que enfraqueciam o poder dos astecas, expõe Morais (2011). A conquista espanhola não “[...] teria sido possível sem os recursos e os homens, as informações e o impulso fornecidos pelos Totonacas, Tlaxcala, Uexotzinco, pelos Otomi, pelas tribos do sul do vale e pelo partido de Ixtlilxochitl em Texcoco” (SOUSTELLE, 1972, p. 118).

As armas espanholas, a luta pela conversão à fé católica e a ambição pelas riquezas somaram-se às alianças com nativos ávidos por vingança e alavancaram o massacre em Tenochtitlán, no qual foram aniquiladas mais de 50 mil pessoas, entre guerreiros, mulheres e crianças. Para Morais (2011), os Tlaxcaltecas, os Totonacas e vários outros nativos envolvidos cometeram diversos atos de crueldades contra seus próprios conterrâneos dominadores, extravasando todo o ódio guardado do passado. Aparentemente, Cortez teria ficado chocado e relatou: “[...] em nenhuma parte do mundo vi tanta maldade como entre os nativos dessa região” (CORTEZ, 2011, p. 141), porém, beneficiou-se de tal crueldade, assim como “[...] os líderes indígenas aliados aproveitaram-se das ambições de Cortez para livrar-se de seu maior inimigo até então a confederação mexica” (MORAIS, 2011, p. 128). A chegada dos espanhóis foi praticamente uma solução importada de fora da civilização mexica.

Ao comparar os espanhóis e a confederação mexica, Levy (2012) afirma que apesar de muitas diferenças, também apresentavam paralelos curiosos. Ambos tinham suas tradições: os astecas usaram a força militar e a violência para dominar tribos vizinhas independentes e praticavam rituais

e sacrifícios humanos e canibalismo; os espanhóis, forjados pelas cruzadas, pilharam, estupraram e mataram em nome de Deus e do país e subjugaram indígenas. Porém os espanhóis tinham um diferencial, o comando de Hernan Cortez, que soube aproveitar todas as oportunidades e driblar as adversidades, deixando claro que ele também foi uma das razões da conquista de Tenochtitlán. “É inegável que Cortez foi um dos principais atores da implantação da América colonial espanhola. Suas escolhas e suas ações foram de grande relevância para a derrota final dos astecas” (MORAIS, 2010, p. 130). De acordo com Soustelle (1972), Cortez usou de sua diplomacia, de sua habilidade política e de seu senso agudo das relações de forças para tirar proveito dos rancores e das ambições contra a cidade dominante. “Cortez havia conseguido ir tão longe, e tão rápido, por causa de sua extraordinária capacidade de avaliar uma situação e manobrá-la em seu favor” (ELLIOTT, 2012, p. 169). Cortez proporcionou, com a expedição e a conquista do México, a maior soma de terra e tesouros adquiridos para o império espanhol de toda a História das navegações.

O golpe ousado e sem derramamento de sangue de Hernan Cortez talvez tenha sido o mais audacioso e surpreendente ataque nos anais da história militar. De um modo tortuoso e ardiloso, ele jogou com a confiança, a generosidade e a hospitalidade de Montezuma e o atacou como uma víbora venenosa (LEVY, 2012, p. 124).

Todas as razões, com exceção da epidemia de varíola, foram articuladas de alguma forma pelo comando de Hernan Cortez, o que mostra o que um grande líder consegue fazer com as oportunidades e desafios que lhe surgem durante a trajetória até sua meta, manobrando-as a seu favor e em busca de seus objetivos. Por razão de sua determinação, inteligência, diplomacia, rigidez, disciplina, crueldade, criatividade estratégica e a capacidade de manipular homens e recursos, Cortez recebeu o título de conquistador por seu êxito em Tenochtitlán, em 13 de agosto de 1521.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessas análises, pode-se auferir que as principais razões que levaram os espanhóis à conquista de Tenochtitlán foram superioridade bélica, comunicação, influência da religião, ambição pelo ouro, epidemia de varíola, alianças com indígenas e o comando de Hernan Cortez.

Cabe salientar que esse estudo não tem o interesse de verificar qual dos lados estava certo ou errado, justo ou injusto, mas, sim, discutir como uma organização pode ser dizimada ou conquistada, ficando a critério do leitor apropriar-se da melhor forma das informações nele contidas. Também devido à complexidade do tema abordado, acredita-se que muitos outros estudos possam refletir e discutir esse momento histórico.

4. REFERÊNCIAS

BÁEZ, F. **A história da destruição cultural da América Latina**: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CORTEZ, H. **A conquista do México**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

DURANT, W. **A história da civilização III**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.

ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: A América Latina colonial**. 2. ed. v. 1, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 135-194.

LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LÉON-PORTILHA, Miguel. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: A América Latina colonial**. 2. ed. v. 1, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 25-62.

LEVY, B. **Conquistador: Hernán Cortés, Montezuma e a epopeia da resistência asteca**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MORAIS, M. V. **Hernán Cortez: civilizador ou genocida?** São Paulo: Contexto, 2011.

ROSSI, L. A. S. **Cultura, Religião e Sociedade: um diálogo entre diferentes saberes**. Curitiba: Champagnat, 2010.

ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial: os conquistadores**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

SOUSTELLE, J. **Os Astecas**. São Paulo: DIFEL, 1972.

SOUZA, G. Q. **A mentalidade de cruzada na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)**. 190f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2010.

WHITE, M. **O grande livro das coisas horríveis: a crônica definitiva das cem piores atrocidades da história**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.